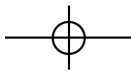
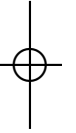
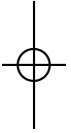
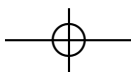


PANDEMIA E ANARQUIA

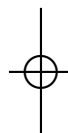
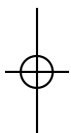




copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2021

edição Jorge Sallum
coedição Felipe Musetti
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Eliane Carvalho, Marcia C. Lazzari e Salete M. Oliveira
revisão final Sonia Montone
capa Suzana Salama
ISBN 978-65-89705-04-8

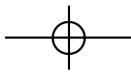
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

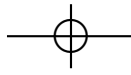


Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011, São Paulo-SP, Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

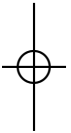




PANDEMIA E ANARQUIA

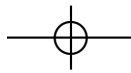
Edson Passetti, João da Mata e José Maria Carvalho Ferreira (*organização*)
Beatriz S. Carneiro, Eliane Carvalho e Martha Gambini (*tradução*)

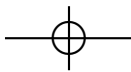
1ª edição



hedra

São Paulo_2021



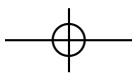


Pandemia e anarquia reúne quinze ensaios de pesquisadores das práticas libertárias que analisam as implicações sociopolíticas do novo coronavírus e sua relação com os modos de existência. Além da Somaterapia e de pesquisadores do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), este livro traz escritos de historiadores e cientistas políticos residentes em diversos espaços do planeta. Perpassando diversas esferas das relações humanas, da economia e da ciência às relações amorosas e ao ser criança durante a pandemia, os escritos insurgem-se contra a suposta ruptura com o mundo dado antes da Covid-19 para analisar e estancar a racionalidade neoliberal, e a chamada crise sanitária. Com isso, traçam a afirmação de uma vida outra no presente.

Edson Passetti é professor livre-docente no Departamento e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e coordena o Nu-Sol na PUC-SP/ Brasil; e é membro da editoria de *verve*, revista autogestionária semestral. Contato: edson.passetti@uol.com.br.

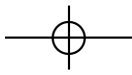
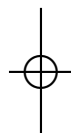
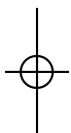
João da Mata é psicólogo, doutor em Psicologia (UFF); doutor. em Sociologia Econômica e das Organizações (Universidade de Lisboa) e pós-doutor em História (UFF). Trabalha com a Soma — uma terapia anarquista há trinta anos, em grupos no Brasil e no exterior. Para saber mais sobre a Soma: www.somaterapia.com.br. Contato: jodamata@hotmail.com.

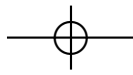
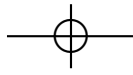
José Maria Carvalho Ferreira é sociólogo e professor catedrático aposentado do ISEG — Universidade Técnica de Lisboa, atualmente, integrada na Universidade de Lisboa. Tem publicado vários livros e artigos em revistas e editoras nacionais e internacionais. Foi diretor do jornal *A Batalha*, diretor da revista *Utopia* e membro da Associação Cultural A Vida. Contato: jmcf@iseg.ulisboa.pt.

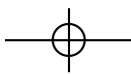


Sumário

Prefácio	7
Apoio mútuo ou ajuda humanitária?, <i>por Acácio Augusto</i>	9
O inimigo não é invisível, <i>por Adriana F. Martinez</i>	25
Rompendo com a lógica capitalista de uma pandemia, <i>por Allan Antliff</i>	39
O inimigo invisível, <i>por André Liohn</i>	49
Coronavírus, <i>por Claire Auzias</i>	61
Pandemia, saúde pública e liberdades, <i>por Edson Passetti</i>	75
Sexo em tempos de COVID-19, <i>por Eliane Carvalho e Flávia Lucchesi</i>	91
Amor selvagem, <i>por Gustavo Ramus</i>	105
Catástrofe, história e destino, <i>por Ilana Viana do Amaral</i>	117
Solidariedade, apoio mútuo e vida anarquista, <i>por João da Mata</i>	133
Da anormalidade à normalidade doentia da espécie humana, <i>por José Maria Carvalho Ferreira</i>	145
Um vírus a serviço da ordem, <i>por L.I.M.A.</i>	161
Infância e pandemia, <i>por Marco Antônio Arantes</i>	175
Instantâneo de uma pandemia, <i>por Ronald Creagh</i>	185
Pensamento e práticas libertárias depois da COVID-19, <i>por Tomás Ibáñez</i>	203
Sobre os autores	213







Prefácio

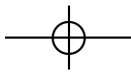
O novo coronavírus chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, anunciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), governos nacionais, mídias, redes digitais e os passageiros desembarcados de voos internacionais. Veio acompanhando uma nova doença, a COVID-19, e as recomendações sanitárias para o combate à chamada pandemia.

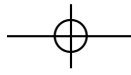
Nós do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), da Soma, uma Terapia Anarquista, e o raro José Maria Carvalho Ferreira, vivemos muito próximos desde 1992, quando aconteceu o encontro libertário *Outros 500*, em São Paulo. Em uma conversa pela internet decidimos produzir uma página libertária conjunta com nossos pontos de vista. Nela registramos como “contestamos a realidade capitalista, o Estado e seus modos contínuos de governar em função de um reordenamento normalizador” e afirmamos “mais uma luta libertária no presente”¹. Em seguida veio a possibilidade de organização de um livro com libertários interessados e suas análises inéditas, redigidas até o início de outubro de 2020.

O livro *Pandemia e Anarquia* está composto de 15 capítulos encadeados em ordem alfabética, sugerindo ao leitor tanto a leitura segundo seu interesse, como a sequencial com as surpreendentes implicações trazidas pelo acaso, mostrando e realçando adjacências, conexões, complementações e diferenças. É o que buscamos com a anarquia, uma produção interminável de práticas de liberdade contra o absoluto e o definitivamente verdadeiro que jazem nos discursos realistas ou utópicos.

Muitos artigos a nós endereçados não constam desta coletânea, mas estarão em outras publicações, ou até mesmo em possível livro sobre 2021 e esta situação extraordinária tornada ordinária de suposta reescritura da normalidade. Para nós, a normalização dos normais já ocorria nesta so-

1. Ver URGENTES em <http://www.somaterapia.com.br/atividades/urgentes/> e <https://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2020/07/dossie-urgentes.pdf>

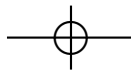
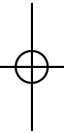


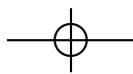


PANDEMIA E ANARQUIA

cidade-Estado capitalista, computo-informacional e cheia de TICs, que se pretende restauradora do planeta com suas receitas de *melhorias sustentáveis*, invocando condutas resilientes.

Nossa perspectiva é a dos resistentes na invenção cotidiana de uma realidade sem a organização hierarquizada da autoridade em um planeta intenso de práticas de liberdade anarquistas, ultrapassando os ativismos, essa insistente e obsessiva maneira de mirar a renovação e a inovação, democrática ou não, produzidas pela racionalidade neoliberal.





Apoio mútuo ou ajuda humanitária?
*Notas sobre o militantismo anarquista
em meio à crise planetária*

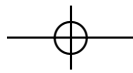
ACÁCIO AUGUSTO

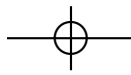
A vida é perigosa e exige que encaremos a sociedade que está morrendo. Escancaremos as potências da vida destemida e avessa a castigos, fronteiras, comunidades, normalizações, produtividades, política, polícias... A destruição de algo é sempre a construção de uma invenção. É inventar um espaço outro, uma vida outra. Viver a vida é não servir a nada nem a ninguém.

NU-SOL, 2020

O surgimento do que foi classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia, em março de 2020, foi imediatamente recebido e difundido pelas autoridades estatais e organizações internacionais como uma guerra. A começar por manifestações do Secretário Geral das Nações Unidas (ONU), António Guterres, que declarou guerra ao vírus. A disseminação planetária das infecções provocadas pelo novo coronavírus mobilizou, de forma inédita, um aparato de controle social e contenção de danos pessoais que reunia desde profissionais de saúde, passando por uma série de recomendações de novas condutas por especialistas midiáticos, até a atuação ostensiva das forças de segurança, das forças armadas, das polícias ou do regime dos ilegalismos.¹ Soma-se a essa mobilização uma produção discursiva e comunicacional que, além de buscar encaixar, definitivamente, toda vida social nos fluxos computo-informacionais, se precipitou em anúncios variados de uma “nova era” que se abriria após a pandemia. Anúncios por vezes pessimistas e catastróficos, a partir de problemas

1. Sobre a recepção da chamada pandemia como uma guerra, ver: AUGUSTO, 2020.





PANDEMIA E ANARQUIA

que já estavam postos para os viventes no planeta e que seriam ampliados pelas medidas de contenção da COVID-19. E anúncios, em direção oposta, que projetaram a possibilidade de um futuro idílico ou utópico, esperançoso nas mudanças de percepção das pessoas a partir do alerta trazido pelo novo coronavírus em relação às questões ambientais, à vida social e econômica nas grandes cidades e à vida no planeta Terra de forma geral. Essas duas projeções se apoiam na ideia de que a situação imposta pela disseminação das contaminações e infecções, segundo variados especialistas, tende a se repetir e/ou se estenderá por mais tempo do que o esperado pelas pessoas e até mesmo por autoridades médicas e governamentais.

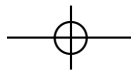
Entre os anarquistas,² desde o primeiro momento, produziram-se análises e intervenções diversas, que tinham um ponto mais ou menos em comum: a situação desencadeada pela declaração da pandemia e as formas de lidar com ela foram produzidas pelas vidas criadas pelo capitalismo e o Estado.³ Da mesma maneira, a condução das soluções e a própria gestão da crise-guerra se orientam pela manutenção dessa forma de vida e a sobrevivência desse mesmo capitalismo e da forma Estado como governo dos viventes e distribuidor de mortes. Mais de um ano após a instalação planetária da doença, não é exagero dizer que nada parou e que pouca coisa mudou, ou seja, até o momento estamos sob a gestão dessa sobrevivência e variados “palpites” sobre o que se colocava caíram por terra. Diante da normalidade assassina do capitalismo planetário que se ocupa da “segurança do vivo no planeta”, uma normalização do normal⁴ em pouco tempo se instalou recebendo o título de “nova normalização”, um mais do mesmo, mas com esperanças de melhora após se alcançar o controle das infecções por meio da vacina ou de algum meio de imunização do rebanho de humanos.

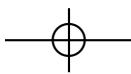
Em março de 2020, quando as mortes e infecções atingiam altos números no continente europeu e começavam a rumar para o hemisfério sul, os militantes anarquistas da Federação Anarquista de Turim alertavam, de forma direta, que a chamada epidemia (se referiam ao território italiano) era, de fato, um massacre de Estado. Como anarquistas, afirmaram a recusa em aderir à morte gerida pelos que governam. “Não. Não

2. Para análises singulares a partir do território brasileiro e de uma perspectiva anarquista, ver: NU-SOL, 2020.

3. Para análises anarquistas de diversas partes do planeta sobre a chamada pandemia e lutas relacionadas a ela, ver: FACÇÃO FICTÍCIA, 2020.

4. Cf. PASSETTI et al., 2019.





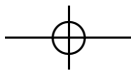
APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

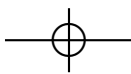
estamos ‘prontos para morrer’. Não queremos morrer e não queremos que ninguém adoça e morra. Não estamos nos alistando na infantaria destinada ao massacre silencioso. Somos desertores, rebeldes, *partisanos*” (FEDERAÇÃO, 03/2020). A recusa das formas de gestão pela crise-guerra e da distribuição racional das mortes, entre escolhas de quem deveria viver e quem poderia morrer, era uma afirmação da luta social e da vida fora da normalidade capitalista. O texto da Federação de Turim ainda alertava para o temor dos governantes em se disseminar um ciclo de lutas e revoltas, como as desencadeadas pelas rebeliões nas prisões italianas.

Em abril, no território espanhol, o anarquista Tomás Ibáñez escreve sobre uma outra recusa. “Esta crise também nos chama a dizer NÃO à autoilusão praticada por um amplo setor desse espectro revolucionário e anti-autoritário no qual me encontro. Este autoengano consiste em acreditar, e nos fazer acreditar, que o capitalismo pode ser atingido até a morte pela crise e que a pandemia dará origem a um intenso ciclo de lutas capazes de transformar o planeta e que, ao final, as classes populares perceberão nitidamente a necessidade de virar as costas ao sistema. E esta é a nossa vez de contribuir para dar o golpe final em um capitalismo moribundo” (IBÁÑEZ, 2020). Essa outra recusa se refere ao fatalismo da crise como janela de conveniência para afirmar, ao contrário, a multiplicidade das lutas no presente, segundo as contingências que sempre se colocam, com ou sem pandemia. Contra uma teleologia revolucionária que quer ver nos momentos de crise uma oportunidade para agir e levar as classes populares ao paraíso, Ibáñez lembra que, para um anarquista, o que existe são as lutas, sempre múltiplas e sem pretensão de unidade, a serem travadas aqui e agora.

Esse breve escrito parte dessas duas recusas para analisar como algumas associações anarquistas lidaram com a intensificação da crise-guerra planetária devido à emergência da COVID-19. Nos textos de análise e relatos de intervenções, instala-se uma tensão entre releituras das práticas de apoio mútuo, a partir de Kropotkin, como forma política de resistência e uma aposta em como a situação confirma críticas já colocadas pelos anarquistas, combinada com recomendações de autocuidado. Na chave de reafirmação do apoio mútuo, algumas análises acabam esbarrando em práticas de gestão da crise, aos moldes das ajudas humanitárias, em contraste com afirmações da vida que não querem se entregar à gestão planetária dos vivos e à corrida pela sobrevivência.

Em meio às disputas políticas e investidas sanitário-securitárias dos governos, as infecções e as mortes se acumulam na escala dos milhões. Re-





PANDEMIA E ANARQUIA

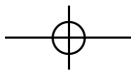
cusar a leitura normalizante e estatal não significa adotar uma conduta negacionista em relação à COVID-19. Mas essa recusa também evita abraçar a defesa da (sobre)vida como dado biológico e se diluir no consenso democrático de gestão da crise-guerra capitalista e estatal. Diante de um consenso emergente de defesa da vida a qualquer custo, cabe questionar qual vida se quer viver, e lembrar que a vida não se resume a um fato biológico quantificável e mensurável.

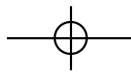
Diante de tanta política, tanta ciência e tanta comunicação, essa análise se referencia na crítica de Mikhail Bakunin ao governo da ciência que objetiva tosquiar os rebanhos populares em todo o planeta, busca-se, aqui, “a revolta da vida contra a ciência, ou melhor, contra o governo da ciência” (BAKUNIN, 2000, p. 15). Em tempos de uma emergência, declarada como crise-guerra sanitária-securitária, acreditar na disputa complementar entre negacionismo e defesa da ciência médica é entregar o próprio couro para ser tosquiado pelos governos planetários, institucionalizados ou não. A partir dessa mirada, interessa a uma atitude anarquista não só reafirmar as duas recusas expostas acima, mas também se colocar no mundo *contra* mundo.

APOIO MÚTUO: ONDE ESTÁ A REVOLTA?

Em todo o planeta, as condutas diante da chamada pandemia foram discursivamente organizadas entre “negacionistas”, que não acreditavam nem seguiam as regras da OMS e das diversas juntas médicas nacionais, negando-se a adotar cuidados mínimos ou diminuindo a gravidade da doença; e “salvacionistas”, que, em nome da não contaminação e como única forma de conter infecções, abraçaram com fé as inúmeras recomendações de especialistas e de autoridades, como a OMS, chegando a defender decretos de estado de sítio (chamado de *lockdown*) garantido por forças de segurança, militares e policiais, para efetivação autoritária do isolamento social. Essa oposição, assim exposta, pode soar exagero, mas foi a partir de uma imagem próxima a essa que se traduziram politicamente as condutas entre “negacionistas”, à direita ou extrema direita, e “salvacionistas”, progressistas ou à esquerda. Embora essas condutas sejam mais complementares do que se pode supor num primeiro momento, foi no Brasil que essa disputa ganhou contornos mais evidentes, confundindo-se com a situação político-institucional do país.

Ao largo ou à margem dessa imagem de disputa mediatizada e institucionalizada pelo melhor governo da crise-guerra, animada por ativistas de





APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

cada parte, surgiram discursos e interpretações sobre ações locais de enfrentamento das contaminações e infecções. Essas ações, ora estavam associadas à histórica proposição anarquista de apoio mútuo e às práticas de autocuidado desvinculadas de recomendações e ações de governos e autoridades médicas, ora eram relatadas como organização de comunidades negligenciadas pelos governos de Estado “negacionistas” que se uniam para travar a própria luta contra a COVID-19. Mantendo a metáfora da guerra contra o vírus, essas ações comunitárias são lidas como uma guerrilha dos moradores de bairros pobres e prova da capacidade de resiliência dessas pessoas, capacidade acumulada em toda uma vida de privações e adversidades.⁵

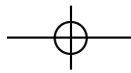
As práticas de apoio mútuo entre anarquistas, para além da extensa elaboração de Piotr Kropotkin em livro que leva o mesmo nome (1989), podem ser compreendidas em dois sentidos: a) como um impulso “natural” e/ou “instintivo” de colaboração entre os viventes que garante a sobrevivência do conjunto;⁶ b) como ação deliberada para interferir e interromper as cadeias hierárquicas de competição, características das relações de produção no capitalismo.⁷ Essas práticas também são invocadas em momentos de lutas entre os “mais fracos” que se associam para resistir aos ataques de um oponente mais poderoso, como eram os fundos de greve no século XIX e começo do século XX, por exemplo. Nesse sentido, é evidente que seu uso corrente, seja para nomear uma prática, seja para declarar afinidade com uma determinada forma de prática anarquista, ultrapassou a referência às elaborações de Kropotkin, mas sem apagá-las ou refutá-las.

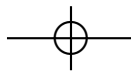
No interior da história política das lutas libertárias, o apoio mútuo, reivindicado sob esse nome inicialmente pelos anarco-comunistas, pode ser compreendido numa sequência de diferenciação do que foi o coletivismo bakuninista, mais focado nas relações de produção modernas. Há, também,

5. Essa interpretação foi amplamente veiculada na imprensa brasileira e chegou a ganhar destaque na imprensa internacional, como no *Washington Post*. Cf. LOPES, 10/06/2020.

6. Nesse sentido, fiel às elaborações do anarquista russo, “o instinto de sociabilidade que se desenvolveu lentamente entre os animais e entre os homens no transcurso de um período de evolução extremamente longo, desde os estágios mais elementares, ensinou, igualmente, muitos animais e homens a ter consciência dessa força que adquirem praticando a ajuda e o apoio mútuos, também por ter consciência do prazer que podem encontrar na vida social” (KROPOTKIN, 1989, p. 32). (Minha tradução do espanhol).

7. Esse sentido aparece nas interpretações contemporâneas que agregam esse fator de iniciativa deliberada ao determinismo natural argumentado por Kropotkin. Ver, nesse sentido, GRUBACIC & GRAEBER, 2020.



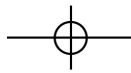


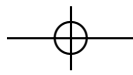
PANDEMIA E ANARQUIA

uma associação mais comum do apoio mútuo à fórmula da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT, 1864): “para cada um de acordo com suas necessidades, de cada um de acordo com suas possibilidades”. Nesse sentido, reitera-se a filiação ao anarco-comunismo e, para além desse sentido, há interpretações que associam as proposições de apoio mútuo com a autogestão, uma aproximação mais controversa. Especialmente quando se restringe o apoio mútuo não a uma prática exclusiva do campo das relações de produção, mas de realização de qualquer atividade entre pessoas associadas, como a supracitada interpretação recente de Grubacic e Graber. A partir de Kropotkin também se argumenta, nesta interpretação, que o apoio mútuo é uma orientação ética baseada na liberdade e no anti-autoritarismo. Contudo, deve-se notar que a argumentação a partir da determinação biológica que o conceito pressupõe e mobiliza afasta-o de uma ética libertária, para além da formulação anarco-comunista. Todas essas possibilidades tratam de práticas voltadas à transformação do mundo e das pessoas envolvidas, mas, ao manterem uma perspectiva teleológica de projeção de um futuro pós-revolução, elas nem sempre implicam transformação de si em associação ou afirmam uma prática libertária no presente. Diferente da determinação pela história da biologia, uma ética libertária implica relações livres com generosidade e reciprocidade, ignorando, também, os cálculos de proporcionalidade e equivalência.⁸

No entanto, ainda que haja diferentes usos e interpretações sobre o apoio mútuo entre os anarquistas e, ao final, esta seja uma noção própria dos anarco-comunistas, nota-se que há uma confusão no que é nomeado como apoio mútuo hoje, seja em práticas diretamente vinculadas às associações anarquistas, seja em ações nomeadas a partir da referência à elaboração de Piotr Kropotkin. Um exemplo seria o breve texto da jornalista Zoe Smith (02/06/2020) sobre ações comunitárias durante a chamada pandemia, tomando alguns exemplos retirados da Argentina. Ela parte precisamente de Kropotkin, para aproximar suas descrições a uma “forma anarquista de se organizar”. Contudo, muitas das ações tomadas como exemplo se confundem com ajuda humanitária, como ações de negócios sociais ao estilo dos Médicos Sem Fronteiras, ou simplesmente soluções emergenciais encontradas por pessoas passando por dificuldades materiais.

8. Para uma análise mais ampla da ética libertária, que se aparta de formulações baseadas no determinismo biológico do apoio mútuo, ver: PASSETTI, 2003.



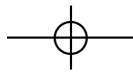


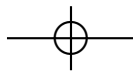
APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

Para se diferenciar desse tipo de atuação de ONGs, usa-se a justificativa da “ajuda mútua” pelo fato de serem ações efetivadas por membros de uma mesma comunidade, mas não se questiona sobre a capacidade de transformação de tais iniciativas, que muitas vezes apenas reiteram a condição de servidão e pauperismo dos habitantes dessas comunidades. Não se trata de juízo de valor sobre as ações, necessárias do ponto de vista da sobrevivência, mas cabe se perguntar sobre seus efeitos de manutenção da ordem e perpetuação dessa (sobre)vida, mesmo sob condições excepcionais.

As ações nas comunidades argentinas usadas por Smith como exemplos de apoio mútuo e organização anarquista poderiam ser comparadas com ações em favelas no Brasil. Uma reportagem publicada no *El País Brasil* sobre as ações na favela de Paraisópolis, em São Paulo, em meio à chamada pandemia, embora não se refira ao apoio mútuo, celebra a “auto-organização” dos moradores diante do “abandono” das autoridades governamentais (GORTÁZAR, 04/10/2020). Seguindo o léxico de guerra ao vírus e repondo a dicotomia entre negacionismo negligente do governo diante de uma realidade inescapável, a solução, segundo a reportagem, vem por meio da atuação de “ativistas de bairro e pequenos empresários locais”. Assim, contam as histórias de pessoas como a “presidente de rua”, Isabel, e do presidente da “União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis”, Gilson Rodrigues. Eles se empenham em distribuir cestas básicas, álcool em gel, cuidados médicos e disseminação de informações sobre os riscos da nova doença, já que “a primeira batalha que os ativistas da favela tiveram de travar foi contra a falsa crença de que os pobres estavam a salvo do coronavírus” (Idem). Assim, as ações apenas se revelam como contingências em favor da ordem e da (sobre)vida como gestão da crise-guerra e projeção de lideranças locais por meio dos chamados negócios sociais, sem efeito de transformação na vida das pessoas, que são projetadas por meio do reconhecimento de suas vulnerabilidades como alvo das ações assistenciais de outros moradores do mesmo bairro, muito mais uma gestão compartilhada que um apoio mútuo.

Mesmo com algumas diferenças em relação às ações descritas por Smith, como a associação com as premissas de apoio mútuo, são ações bem semelhantes, como nesse comentário que ela faz: “é apenas um exemplo entre milhares de atos de compaixão, solidariedade e cooperação voluntárias que vêm ganhando as manchetes em todo o mundo. Esta onda de atividades — caem sob a bandeira da ‘ajuda mútua’ [*mutual aid*] porque vem de dentro das próprias comunidades e é voltada a longo prazo, como Barrios de Pie colocou, à justiça social e à transformação social — em mui-





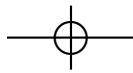
PANDEMIA E ANARQUIA

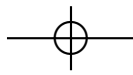
tos casos, ultrapassou tentativas de voluntariado lideradas pelo Estado” (SMITH, 02/06/2020). De um lado, seria possível argumentar que há imprecisão de Smith ao associar esse tipo de ação comunitária às práticas anarquistas de apoio mútuo; de outro lado, o simples fato de essa associação existir revela um problema nas tentativas de autores e associações anarquistas contemporâneas em atualizar o conceito proposto em 1902, por Kropotkin. Afinal, sob a contemporânea racionalidade neoliberal,⁹ cooperação voluntária, solidariedade social e compaixão cívica são formas características do empreendedorismo de si em seu formato de negócios sociais. Assim, quando relacionadas ao apoio mútuo, independentemente das intencionalidades, as ações propriamente anarquistas ora se confundem com esses negócios sociais, ora são tragadas por disputas políticas de território com organizações, governamentais e não governamentais, financiadas por agentes de mercado ou subsidiadas por políticas sociais individualizadas. Nessas disputas, os anarquistas podem ser tragados pela oposição complementar, politicamente orientada, entre “negacionistas” e “salvacionistas”.

Um exemplo um pouco diferente de ações anarquistas é a plataforma brasileira anônima nomeada precisamente de “Apoio Mútuo”. Segundo o site, “apoio mútuo é uma iniciativa que tem o objetivo de compartilhar ferramentas e ampliar as redes de solidariedade entre as pessoas que são divididas e classificadas por longas cadeias de opressão e violência. Por isso, queremos incentivar e fornecer mecanismos de apoio a ações que conectam demandas ao fortalecimento de pessoas, grupos, coletivos e organizações que têm em comum princípios de inspirações anárquicas e anarquistas”¹⁰. No site são encontradas ações muito diferentes entre si, muitas delas com formato meramente assistencial, como distribuição de comida e insu-
mos de proteção pessoal. Ainda que menos ambígua, no que diz respeito à vinculação das ações aos anarquismos que o texto de Smith, a mobilização do conceito de apoio mútuo também se mostra problemática. Em primeiro lugar, cabe questionar sobre qual seria a diferença de uma plataforma de trocas de experiências declaradamente anarquista como esta e uma rede de ajuda humanitária ou de solidariedade, como as que atuam nas favelas relatadas na reportagem do *El País Brasil*. Seria a plataforma digital um *think tank* solidário que funciona à margem dos grandes negócios sociais?

9. Cf. FOUCAULT, 2008.

10. Cf. <https://apoiomutuo.com.br/sobre/>. Acesso em: 18/10/2020.





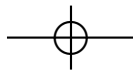
APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

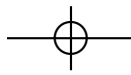
Se for isso, não há como escapar de ser tragado ou mesmo neutralizado pelos negócios sociais que possuem mais capacidade de alcance (leia-se: mais dinheiro e logística de atuação) entre os denominados “vulneráveis”, o público-alvo das assistências. Ao se analisar um pouco mais demoradamente quais os possíveis efeitos de transformação dessas práticas, as ações compiladas na plataforma “Apoio Mútuo” mostram-se frágeis diante do extenso investimento em negócios sociais do empreendedorismo neoliberal hoje.

Nota-se, portanto, haver uma disputa a partir da noção e do emprego da expressão “apoio mútuo”. De um lado, busca-se ler as ações emergenciais de solidariedade entre os mais fracos, mais pobres e vistos como vulneráveis, como prova de que o governo e as instituições estatais não são necessários e não atendem, propositalmente, às necessidades e aos interesses das pessoas. Seria no mínimo precipitado ver isso como algo próximo dos anarquismos, mesmo que vagamente. De outro lado, busca-se promover ações de solidariedade que funcionem como uma espécie de “propaganda pela ação”¹¹, mostrando, às pessoas que estão mais expostas às assimetrias de poder e às desigualdades sociais e econômicas, que apenas as ações construídas por elas mesmas, entre elas e sem interferência de governos e empresas, vão efetivamente produzir um resultado satisfatório, especialmente em meio às crises-guerras, como a que se impôs com a declaração da pandemia. Esse entendimento, de forma um pouco diversa, também é encontrado em outros campos não vinculados aos anarquismos, em geral traduzido na expressão “nóis por nóis”, muito usada por coletivos de periferia ou ações de ONGs e Fundações voltadas para esses territórios. Bom, se, como exposto, essas ações estão atravessadas por engajamentos ativistas afeitos à racionalidade neoliberal, evidencia-se um problema para uma plataforma que visa a compilar ações anarquistas de apoio mútuo. O que se nota, nos relatos veiculados pela “Apoio Mútuo”, é a tentativa de disputar politicamente os sentidos dessas ações, traduzindo-as como formas ou mesmo “provas” da efetividade do apoio mútuo como prática identificada com o anarquismo. Nessa disputa política, como já foi anotado, a tendência é a neutralização.

A entrada nessa disputa parece ignorar o caráter cooperativista do capitalismo e os elementos de fobia ao Estado do neoliberalismo que habitam as formas de empreendedorismo e se traduzem como eficiência e

11. Essa é a argumentação que perpassa algumas ações relatadas na plataforma “Apoio Mútuo”.



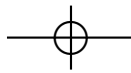


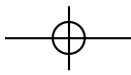
PANDEMIA E ANARQUIA

eficácia de ações autônomas contidas nos negócios sociais. Nesse caso, os efeitos de transformação radical de si, dos outros e do território em que se está agindo ficam bloqueados ou mesmo são diversamente modulados, ao passo que as ações dos coletivos ou associações que se declaram anarquistas ficam disponíveis às capturas.

Em um tempo no qual a racionalidade neoliberal produz liberdades cercadas pelas modulações de segurança para estimular uma ética de competitividade por meio da democratização da forma-empresa, que passou a ser métrica de toda e qualquer organização social, o apoio mútuo até poderia ser visto como uma potente prática dos que resistem, fosse dentro ou fora do contexto da chamada pandemia. No entanto, quando essa prática se avizinha às ações assistenciais, cooperativistas e de empreendedorismo social, elas acabam por produzir efeitos apenas de ajuda emergencial como em ações humanitárias ou colaboram, ainda que involuntariamente, com a expansão dos negócios sociais. E não se trata de mensurar o quanto esta ou aquela ação é ou não anarquista, pois esses efeitos se produzem independentemente das “intencões” e/ou vontades dos sujeitos envolvidos. Sendo assim, se as ações compiladas pela plataforma “Apoio Mútuo” se dizem orientadas para a transformação das pessoas envolvidas, essas são questões que não devem ser colocadas somente pelos anarquistas relacionados com essas formas de ação e intervenção.

Por fim, é importante registrar, nessas idas e vindas das práticas de apoio mútuo em meio à chamada pandemia, que as inscrever no campo das disputas políticas é o avesso da potência antipolítica da revolta. Essa ação direta própria dos anarquistas que, como posto por Bakunin, não se dobra nem diante da autoridade da ciência para afirmar a vida livre, não implica negar a ciência em bloco. Inscrever práticas anarquistas nessa disputa acaba funcionando a favor das táticas de assimilação e neutralização contemporâneas que veem na anarquia apenas a expressão mais radical do amplo campo político de disputa pelo governo chamado de esquerda ou força progressista. Nesse sentido, lembrar da história de atuação dos anarquistas nos sindicatos pode nos informar sobre como a inscrição nessa disputa é deletéria aos anarquismos e como, nessas ocasiões, fomos massacrados por forças que, em momentos de recrudescimento autoritário, foram vistas como aliadas pontuais. Por analogia, essas ações comunitárias podem apenas ser a forma contemporânea da atuação sindical, transpondo o espaço da fábrica para a cidade, conforme as propos-





APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

tas de municipalismo libertário de Murray Bookchin¹², que pode ser visto como continuador da obra de Piotr Kropotkin, pois as proposições tanto de ecologia social, quanto de democracia direta local, do municipalismo libertário, foram inspiradas na idealização que Kropotkin fez das guildas medievais como referenciais de comunidades sem controle estatal.

Não se trata de emitir juízo a respeito de práticas de resistências, mas de alertar que, ao se perderem em disputas políticas, elas se confundem com os negócios sociais e se veem disponíveis às capturas neoliberais nas tentativas de restaurar um sentido contemporâneo para o apoio mútuo de Kropotkin. Diante dessa situação, resta uma questão: onde está a revolta?

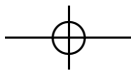
NA LUTA CONTRA O MUNDO: MILITANTISMO ANARQUISTA

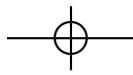
Dizer o quê ou como fazer não corresponde ao conjunto de práticas anarquistas que compõem a *cultura libertária*.¹³ Nela, cada vivente ou associação trava suas batalhas segundo os modos de fazer e usar que dão forma à vida libertária. No entanto, não há nada de prescrito em ressaltar, analiticamente, o que não faz parte da anarquia como vida militante. Sobretudo diante de um acontecimento inédito que, numa situação de defesa da vida em abstrato pelos controles sanitários-securitários, coloca precisamente a questão: qual vida se quer viver?

Essa vida militante, que a maneira anarquista de dar forma à liberdade afirma, seguramente não é o ativismo contemporâneo que organiza as identidades políticas por autodeclaração. Vivemos um tempo em que a vinculação da existência a um conjunto de práticas parece se resumir a declarar-se algo, seja o que for. Essa é uma forma discursiva especialmente evidente nas redes sociais digitais. Nelas, qualquer pessoa se sente impedida a se declarar pertencente a uma identidade política qualquer e nela se fecha como em um *bunker*, ela pode ficar por ali ou saltar em variações, mas sempre fechada do ponto de vista da construção da própria subjetividade. A partir dessa fortificação, cada pessoa se defende e/ou ataca as alteridades que ela encontra pelo caminho dessas redes. Os próprios governos institucionais, hoje em dia e em quase todo o planeta, sobrevivem desse ativismo autodeclaratório, uma espécie de planetarização e democratização dos atos de fala como enunciados de autoridade. Essa é uma

12. A respeito de Bookchin e sua inspiração em Kropotkin para as proposições do municipalismo libertário e a ecologia social, ver: AUGUSTO, 2012.

13. Ver: PASSETTI & AUGUSTO, 2008.



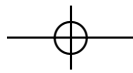


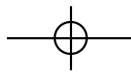
PANDEMIA E ANARQUIA

das vias para compreender o porquê de, mesmo após vencer as eleições, muitos governos seguirem em campanha eleitoral por meio da atuação de seus ativistas nas redes sociais digitais. Como colocou Gilles Deleuze (1992), nas sociedades de controle, nada acaba, estamos sob o signo do inacabado e do contínuo. Isso vale também para as disputas políticas em meio à chamada pandemia, se um presidente diz que se trata de um vírus chinês e a pessoa se declara vinculada a esse presidente, pronto, está posta uma verdade. Da mesma maneira, se a OMS diz que só há uma forma de lidar com as contaminações e as infecções e a pessoa quer ser vista como alguém que respeita as autoridades científicas, pronto, está posta uma verdade oposta à primeira. Tudo se resume à crença e declaração.

Todo esse emaranhado de disputas declaratórias, seja de autoridades, seja de um cidadão qualquer em seu ativismo político, é o extremo oposto do que Michel Foucault vai chamar de militantismo a partir da experiência trans-histórica do cinismo antigo, na qual ele inclui, modernamente, os anarquistas. Na penúltima aula do curso “A coragem da verdade”, em 21 de março de 1984, ele oferece uma descrição muito precisa desse militantismo: “seria a ideia de uma militância de certo modo em meio aberto, isto é, uma militância que se dirige a absolutamente todo mundo, uma militância que não exige justamente uma educação (uma *paideia*), mas que recorre a meios violentos e drásticos, não tanto para formar as pessoas e lhes ensinar, quanto para sacudi-las e convertê-las, convertê-las bruscamente. É uma militância em meio aberto no sentido que pretende atacar não somente este ou aquele vício, defeito ou opinião que este ou aquele indivíduo poderia ter, mas igualmente as convenções, as leis, as instituições que, por sua vez, repousam nos vícios, defeitos, fraquezas, opiniões que o gênero humano compartilha em geral. [...] Um militantismo aberto, universal, agressivo, um militantismo no mundo, contra o mundo” (FOUCAULT, 2011, p. 251). Um militantismo que, por meio da ação direta, age como revolta antipolítica. Assim, buscar provar para as pessoas que o apoio mútuo é eficaz, esperando que com isso elas afastem suas vidas das formas do Estado e do capitalismo, é abrir mão da revolta que dá forma à anarquia como antipolítica.

Nesse sentido, com ou sem crise sanitária-securitária, é possível ver essa revolta antipolítica em outras ações, como no militantismo que se expressa em ações da tática *black bloc* em diversas cidades do mundo, mesmo com medidas de restrições de circulação, nas ocupações de prédios convertidos em centros sociais e moradias coletivas, nas ações de autodefesa de grupos antifa e/ou anarco-queer e junto a toda forma de viver o prazer

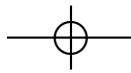




APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

do sexo que não reivindica reconhecimento, seja do Estado, do mercado ou de movimentos organizados. Ações que puderam ser observadas na atuação de pequenos grupos, em meio aos protestos antirracistas que pipocaram em todo o planeta no meio dessa crise-guerra, que foram além do protesto e bradaram pela abolição da polícia. Enfim, toda ação direta que, no momento em que é executada, não reconhece a pacificação da política de negociação e que, fatalmente, será acusada, por forças da esquerda e da direita, de ser radical demais. O que deriva de cada uma dessas ações é uma outra história e não pode mais ser vinculada a elas em uma relação de causa e efeito. Há uma imagem, na dissertação de mestrado de Matheus Marestoni (2019), na qual os *black blocs*, em junho de 2013 no Brasil, ao retirarem as pedras portuguesas das calçadas para resistir às investidas das tropas de Choque da Polícia Militar, estavam levantando a poeira dos mais de 500 anos de pacificação dos selvagens dessa terra. Essa imagem dá a dimensão desse militantismo que não busca disputar o político. Basta ver que, depois junho de 2013, nada mais no campo das lutas sociais e das disputas políticas foi o mesmo que antes. Se para melhor ou para pior, não cabe aqui dizer. Isso é agonismo, não tem batalha final, é apenas fogo.

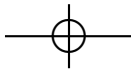
A declaração de pandemia rapidamente se impôs como um acontecimento inédito aos viventes humanos na Terra; ou foi percebida, sobretudo por estes, como uma maldição. Mas tão rápida quanto a disseminação das contaminações e das infecções, foi a criação de uma imagem política de disputa em torno dela que, até o momento, serviu para intensificar os controles sanitários-securitários já existentes e animar as competições midiáticas do ativismo autodeclaratório. Aos anarquistas, cabe se apartar dessa disputa ou correr o risco de serem tragados por ela. Está em jogo a revolta da vida contra o governo da ciência, tal qual ela se dá no momento em que nascemos. Este é um momento em que tudo é inédito, muito mais desconhecido do que tudo que se impôs com a chegada desse vírus no planeta; nessa vinda única à vida que cada um experimentou, não há declaração possível, apenas um grito, um choro, que anuncia nossa chegada, um grito que é, de certa maneira, também um grito contra o mundo tal qual ele se encontra neste momento singular. É por saber disso que, para os anarquistas, não cabe entrar em disputas, mas apenas ter saúde e anarquia no planeta e contra o mundo com suas guerras-crises.



PANDEMIA E ANARQUIA

BIBLIOGRAFIA

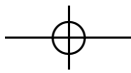
- AUGUSTO, Acácio. “Guerra e pandemia: produção de um inimigo invisível contra a vida livre” In: *Pandemia Crítica*. São Paulo: n-1, março de 2020, vol. 18. Disponível em <https://www.n-1edicoes.org/textos/51>. Acesso em: 23/09/2020.
- . Municipalismo libertário, ecologia social e resistências. In: *Revista Ecológica*. São Paulo: Nu-Sol, janeiro/abril de 2012, n. 2, p. 64–98. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/9076>. Acesso em: 21/09/2020.
- BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Nu-Sol/Imaginário/SOMA, 2000.
- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FACÇÃO FICTÍCIA(org.). *A luta é pela vida. Escritos anarquistas sobre capitalismo, Pandemia e a luta pela vida*. Março e Abril de 2020, vols. 1 e 2. Disponíveis em https://faccioficticia.noblogs.org/files/2020/03/LUTA_PELA_VIDA_F.pdf e <https://faccioficticia.noblogs.org/files/2020/04/Luta-Pela-Vida-f-2.pdf>. Acesso em: 21/09/2020.
- FEDERAÇÃO ANARQUISTA DE TURIM. ¿Epidemia? Masacre de Estado. In: *nu-sol*, março de 2020. Disponível em <https://www.nu-sol.org/blog/epidemia-masacre-de-estado/>. Acesso em: 15/10/2010.
- FOUCAULT, Michel. *A Coragem da verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- . *Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Paraisópolis, uma favela contra o vírus. In *El País Brasil*. 04/10/2020. Disponível em: <https://bit.ly/3u5yh3s>. Acesso em: 23/10/2020.
- GRUBACIC, Andrej; GRAEBER, David. Introduction to Mutual Aid. An Illuminated Factor of Evolution. In: *The Anarchist Library*, 2020. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/andrej-grubacic-david-graeber-introduction-to-mutual-aid>. Acesso em: 22/10/2020.
- IBÁÑEZ, Tomás. Não! In: *Revista verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2020, n. 38, pp. 25–30. Disponível em: http://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-38/. Acesso em: 11/09/2020.
- KROPOTKIN, Piotr. *El apoyo mutuo*. Cali: Ediciones Madre Tierra, 1989.
- LOPES, Marina. Brazil’s favelas, neglected by the government, organize their own coronavirus fight. In *Washington Post*, 10/06/2020. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/coronavirus-brazil-favela-sao-paulo-rio-janeiro-bolsonaro/2020/06/09/8bo3eeco-aa74-11ea-9063-e69bd6520940_story.html. Acesso em: 18/10/2020.
- MARESTONI, Matheus. *No fogo de 2013: ação direta anarquista, autonomismo e a democracia contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduado em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo, 2019.
- NU-SOL(org.). Dossiê COVID-19: afirmações da vida. In: *nu-sol*, 2020. Disponível em: <https://www.nu-sol.org/blog/covid-19-afirmacoes-da-vida/>. Acesso em: 15/10/2020.
- PASSETTI, Edson et al. *Ecológica*. São Paulo: Hedra, 2019.

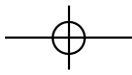
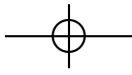


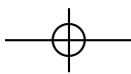
APOIO MÚTUO OU AJUDA HUMANITÁRIA?

_____. *Ética dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003.
PASSETTI, Edson & AUGUSTO, Acácio. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SMITH, Zoe. Mutual aid is sweeping the world. Here's how we make this anarchist way of organising last. In: *The Correspondent*, 2/6/2020. Disponível em: <https://thecorrespondent.com/504/mutual-aid-is-sweeping-the-world-heres-how-we-make-this-anarchist-way-of-organising-last/553195377504-846fc559>. Acesso em: 15/10/2020.





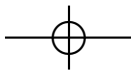


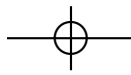
O inimigo não é invisível

ADRIANA F. MARTINEZ

Vírus, do latim: veneno. Sistema biológico muito simples e pequeno formado por uma cápsula proteica que serve de invólucro ao material genético. Parasitas microscópicos sem célula cuja reprodução só é possível quando invadem o interior das células de seres vivos, como o novo coronavírus (coV) ou SARS-Cov-2, desencadeador da doença COVID-19. Esse vírus, como qualquer um, forma parte da natureza, e a natureza não obedece a leis, finalidades, controles nem fronteiras. O vírus não é o inimigo assim como não é amigo. Por isso, os discursos fundados na guerra para combater o “inimigo invisível” não passam de antropomorfismos convenientes para produzir novas técnicas de governo que atendem à racionalidade neoliberal, por conseguinte, a uma economia de livre mercado que regula e organiza o governo do Estado em toda a sua espessura. E numa economia regrada pela concorrência e num modo de vida empresa como poder enformador da sociedade, a política social versa em cada um assumir a responsabilidade pelos riscos que venham a (o)correr durante a sua existência. Não à toa prioriza-se tanto a formação do capital humano como sujeito econômico ativo, provedor de seus rendimentos. Um projeto que é, em si, o próprio crescimento econômico requerido pelo capitalismo (FOUCAULT, 2008).

A atual pandemia é efeito do capitalismo. Um capitalismo em nível planetário no qual se destaca a capacidade de mobilidade do capital humano em termos de empreendimento individual para obter melhores posições sociais, aprimorar o conhecimento e aumentar as chances profissionais. Motivo pelo qual a diferença dessa pandemia com outras de contextos históricos anteriores, a exemplo do coronavírus H1N1, chamado de “gripe espanhola” (1918), é que o vírus não infectou primeiro os pobres, famélicos, moradores de lugares insalubres considerados *vulneráveis*, mas a contaminação e propagação inicial da COVID-19 ocorreu pelo deslocamento das camadas sociais mais abastadas. A doença foi importada pela *elite* social.



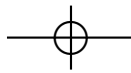


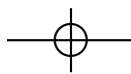
PANDEMIA E ANARQUIA

Como medida de *segurança*, ativada sob a justificativa de conter a transmissão do vírus, as fronteiras territoriais foram fechadas e foram instaurados limites entre os corpos, ampliando as técnicas de monitoramento. E as práticas constantes de monitoramento virtual, ou não, colaboram com o exercício de governo sobre todos os processos da vida, proporcionando a possibilidade de “acompanhar uma atividade, conduta ou ambiente sem a necessidade de interferir em sua pretensa continuidade infinita” (PASSETTI et al., 2019, p. 259). Não se sabe ainda o que irá ocorrer após o novo coronavírus. Porém, com o alastramento do contágio, admitiam-se apenas as viagens rotuladas *essenciais* ou o ingresso de concidadãos fora dos seus territórios nacionais, sem bloquear o fluxo de dados, produtos e transações financeiras. Ao blindar as fronteiras estatais com base no argumento de proteger seus cidadãos de possíveis infecções, escolhe-se a dedo quem pode ingressar e quando, com o propósito de salvaguardar a saúde do capital humano local. Tais critérios reforçam o nacionalismo virulento restaurado exponencialmente na última década.

Duas regras sanitárias foram de imediato instituídas: o “isolamento social” e o “distanciamento social”. A primeira implantou-se sob o preceito de evitar a proliferação da COVID-19 e a segunda com a finalidade de restringir o contato entre as pessoas visando a amortecer a velocidade de transmissão. Configurações estas replicadas em quase todos os países do planeta, e antes que se interprete a questão como parâmetro a favor ou contra, já é bom responder que não se trata disso, tampouco se trata de estar deste ou daquele lado. Trata-se, sim, de questionar as medidas de segurança produzidas particularmente desde a última década do século passado, em que a noção de segurança nacional se espalhou para segurança universal em nome da *segurança humana* com o objetivo de barrar os deslocamentos de pessoas avaliadas como virtuais ameaças. Estratégia esta assimilada pelas condutas individuais que *compartilham* junto ao Estado o governo das condutas, no intuito de resguardar seus ambientes. Estratégia utilizada para manter os chamados *vulneráveis* fixos em suas regiões mediante programas de melhorias. Estratégia usada para criminalizar, punir e identificar as possíveis *ameaças*.

As diretrizes de isolamento e distanciamento tomadas por conta da atual pandemia expõem como a *segurança humana* diz respeito a ações governamentais bem precisas, encarregadas de monitorar fluxos, gerir processos, forjar condutas submissas, capturar revoltas em benefício da economia fundada na racionalidade neoliberal. Ademais, as disposições estipuladas devido à COVID-19 expressam como toda e qualquer *crise* (polí-





O INIMIGO NÃO É INVISÍVEL

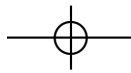
tica, econômica, sanitária, etc.) constitui a forma corrente de governar na racionalidade neoliberal. A função consiste em, por meio de protocolos de prevenção e precaução, proporcionar opções às políticas vigentes com o objetivo de tornar o que agora é provisório em algo definitivo.

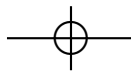
CÁLCULO DO CUSTO-BENEFÍCIO NA SAÚDE

O vírus, após ter visitado as coberturas dos estratos sociais superiores, desceu para os andares inferiores da sociedade que ficaram mais expostos ao contágio, ao adoecimento e à morte. Nos EUA, são os pretos e latino-americanos pobres os primeiros a morrerem em casa, na rua, na porta do hospital ou apinhados em prisões, algumas construídas especialmente para imigrantes *ilegais*, outras reservadas para o encarceramento em massa, preferencialmente, da população preta. Também morrem os refugiados abarrotados em campos, assentamentos, abrigos ou barcos aqui e acolá. Enquanto isso, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)¹ monitora continuamente as fronteiras e os aeroportos para, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), conter potenciais *riscos* adicionais envolvendo a chegada de mais solicitantes de refúgio. As ações *humanitárias* promovidas pela agência abrangem informar, aos refugiados, sobre a doença e distribuir máscaras, luvas, sabão em lugares onde são disputados o uso da água e o espaço.

Morrem os indígenas na América do Sul. No Brasil, o vírus chega a eles pelos perdigotos de garimpeiros, fazendeiros, grileiros, “sojeiros”, pecuaristas, madeireiros, militares e missionários, muitos deles dedicados a expandir o agronegócio. A propósito, como todo momento de *crise*, esta é uma *oportunidade* para dilatar lucros, uma estratégia que cumpre, no mínimo, com um dos três pilares do desenvolvimento sustentável ao transformar-se em *economicamente viável*. Nos 54 países do continente africano, as autoridades locais e a Organização Mundial da Saúde (OMS) dizem estar surpresas pelo baixo impacto do novo coronavírus. Falam, inclusive, que são países acostumados com epidemias e, por isso, souberam tomar medidas adequadas, mas não levam em consideração o quase nulo índice de testes aplicados na maior parte dos países do continente. Morrem os pobres sem assistência médica nos confins de regiões e cidades. Morrem

1. Cf. <https://nacoesunidas.org/coronavirus-e-refugiados-o-que-o-acnur-esta-fazendo-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 19/09/2020.



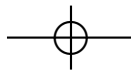


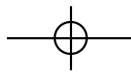
PANDEMIA E ANARQUIA

pelo vírus. Morrem pela fome. Atalho próspero para aproximar-se dos dois primeiros objetivos da Agenda 2030: acabar com a pobreza e com a fome no planeta.

Outra morte promissora nessa pandemia é a dos velhos. Velhos pobres principalmente, porque os outros abastecem um largo mercado e não só no âmbito da saúde. Quanto maior o número de velhos mortos menos aposentadorias precisam ser pagas e mais rápido ficam vagos os leitos para serem ocupados por corpos economicamente produtivos. Por vezes, o processo consistiu em sequer permitir que ocupassem lugares nos hospitais, foram abandonados em asilos ou em suas casas. Em muitas circunstâncias são mortes não registradas, ocultas embaixo do tapete (de terra?) para difundir a baixa taxa de letalidade, como na Alemanha que, apesar de ter uma população com 25% acima dos 60 anos, nas estatísticas médicas são somente 20% do total de infectados. Os números seriam 11% a mais na Grã-Bretanha, se tivessem incluído os asilos nas estatísticas, ou na Suécia, onde a morte de velhos constitui 50% do total, sem contar a não realização de testes nessas pessoas em vários países.

Dito de outra forma, todos aqueles que carecem de condições econômicas, não apresentam *eficiência* para assegurar a sua sobrevivência, nem conseguiram investir na sua saúde, morrem nas filas de hospitais, em casa, nas ruas... Nenhuma novidade dentro da racionalidade neoliberal, posto que o projeto social incorre em o sujeito obter rendimentos suficientes para “se garantir por si mesmo contra os riscos que existem, ou também contra os riscos da existência, ou também contra essa fatalidade da existência que são a velhice e a morte” (FOUCAULT, 2008, p. 197). O mercado da saúde funciona igual a qualquer outro mercado, corroborando o jogo de desigualdades próprio da concorrência. Quem não adquiriu renda suficiente para arcar com o custo de sua saúde perece ou espera para ter a chance de ocupar um leito e usufruir dos equipamentos hospitalares públicos sem custo adicional, desde que o Estado os ofereça. A saúde redundou num amplo mercado e na exoneração da responsabilidade estatal. Nos EUA, por exemplo, 30 milhões de pessoas encontram-se sem cobertura médica alguma; na China, o auxílio público não estabelece que o atendimento seja gratuito; na Alemanha, as modalidades pública e privada são pagas, isto só para mencionar alguns dentre tantos países com esses modelos de saúde. A atual pandemia trouxe à tona como o direito universal à saúde, baseado no plano Beveridge (1948) que indicava ser de incumbência do Estado a saúde da população para ter certa paridade nos tratamentos de cura e prevenção de



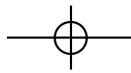


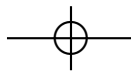
O INIMIGO NÃO É INVISÍVEL

doenças, passou a ser, no cerne da racionalidade neoliberal, um cálculo previsto no orçamento individual, ao invés de estimativas de receitas estatais.

Resultou mais proveitoso, ao Estado, repassar benefícios ou proporcionar incentivos fiscais à rede privada de *prestação de serviços* de saúde e ao setor empresarial, que oferece assistência médica aos seus *colaboradores*, do que comprometer a sua arrecadação nesse quesito. “Vemos, assim, que a esperada igualdade de consumo médico mediante a seguridade social é pervertida em favor de um sistema, tendente cada vez mais a reestabelecer as grandes desigualdades da doença e da morte que caracterizavam a sociedade do século XIX. Hoje, o direito a uma saúde igual para todos é capturado em uma grande engrenagem que o transforma em uma desigualdade” (FOUCAULT, 2016, p. 391). Isso não exprime almejar a volta do Estado de Bem-Estar em que a interferência do Estado se expressava em manter saudáveis a força de trabalho e a força física nacional, apenas como capacidades militar e de produção. Trata-se de assinalar aqui como a saúde recai na responsabilidade individual, uma vez que alcançou valor econômico e foi inserida no mercado. Nesse sentido, tendo em vista que o sistema de saúde dos países é reservado para poucos e em face da mortalidade provocada pelo vírus, o discurso difundido pelos quatro cantos do planeta é a higiene, o uso de máscara, o isolamento e distanciamento como alternativas para contar, pelo menos, com assistência médica caso o indivíduo adoença. Não obstante, grupos clamam pelas suas liberdades civis e pela liberdade econômica, requerem suas *liberdades* liberais garantidas pelas constituições nacionais, até mesmo exigem o *direito* de contagiar-se. Manifestações estas amparadas pela democracia numa política pluripartidária.

Basta ver como os princípios democráticos foram proferidos, solicitados e advogados pelo supremacista branco presidente dos EUA, Donald Trump, e por seu bajulador, o capitão reformado do exército presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Os dois declaradamente racistas, xenofóbicos, nacionalistas, homofóbicos, machistas, autoritários. Eles, sustentando que a COVID-19 é mais uma *gripezinha*, uma versão alarmista da OMS e da mídia ou uma conspiração chinesa, divulgam que a economia não pode parar. Desde a moral do protestantismo, ambos julgam que quem fica em casa não quer trabalhar, pouco importa a falta de vagas hospitalares para os indivíduos de baixa renda ou serem os países com o maior registro de mortes em números absolutos. Daí o empenho em defender o princípio liberal de ir e vir, embora não tenham hesitado em fechar as fronteiras, curiosamente, para impedir a entrada de pessoas infectadas pelo novo co-





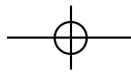
PANDEMIA E ANARQUIA

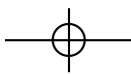
ronavírus, especialmente pobres e refugiados. Nesses termos, a *gripezinha* passa à categoria de segurança nacional.

A despeito de esses mandatários terem insinuado *superioridade* imunológica, no dia 7 de julho de 2020, o capitão reformado anunciou estar contaminado pelo vírus e o supremacista branco foi internado em 2 de outubro depois de ter testado positivo para a COVID-19. Bolsonaro, na época, disse que, poucas horas após a administração do fármaco hidroxicloroquina, já se sentia bem. Vale lembrar que Trump figura entre os acionistas da empresa Sanofi, uma das maiores no ramo farmacêutico, a qual detém a patente dessa droga. Um medicamento, segundo a OMS e pesquisadores, sem evidências científicas que comprovem bons resultados contra a doença. Talvez por esse motivo o presidente dos EUA não incluiu a hidroxicloroquina em seu tratamento. Tal ocorrência evidencia, não apenas o selo de acordos lavrados entre os dois Estados, como a confirmação de que o Estado brasileiro acata as coordenadas políticas oriundas dos EUA. Isto não é novo, basta revisitar a subordinação irrestrita dos países latino-americanos aos EUA no período das ditaduras civil-militar nas décadas de 1960 a 1980, quando a América do Sul foi o laboratório para realizar a implementação da racionalidade neoliberal. Aliás, hoje, no Cone Sul, predomina a ala da direita, seguidora de preceitos análogos aos do capitão reformado e do supremacista branco. Será essa região novamente eleita para serem processados os experimentos? Já estão sendo aprimoradas as estratégias para, quando a *crise* amainar, transformar as reformas em alterações permanentes? O vírus é invisível, não o inimigo.

ISOLAMENTOS E DISTANCIAMENTOS DE CORPOS

De modo complementar às reivindicações das liberdades liberais, já é possível vislumbrar como práticas de monitoramento acirram-se ainda mais sob o discurso de controlar a vida dos outros para *proteger* a própria saúde e a da população global: todos são suspeitos de *portar* e transmitir o vírus. Por isso, o *cidadão de bem* sente-se na *obrigação* cívica de delatar reuniões com muita gente, aglomerações em locais públicos, o uso inadequado de equipamentos de proteção individual, a falta de higiene. A saber: no território brasileiro, qualquer reunião com mais de seis pessoas é considerada aglomeração e passível de ser enquadrada como crime contra a saúde pública. A saúde, além de ter sido incorporada ao mercado, é uma





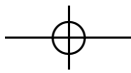
O INIMIGO NÃO É INVISÍVEL

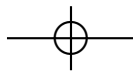
questão política cujo efeito pretende-se totalizador e de governo enquanto gestão das condutas dos indivíduos.

De um lado, reclama-se das medidas de isolamento e distanciamento, exigindo a garantia dos direitos liberais. De outro, solicita-se punição para quem deixa de cumprir tais regras. Duas faces da mesma moeda. É à sombra de diretrizes globais que agem os sujeitos, alguns sequer conseguem imaginar-se fora delas. Para os que assim pensam, qualquer ação diferente é inaceitável, condenável e precisa ser punida, adequada ou extinta. Essa é a regra de corte: mais punição, regulamentações, prisões, legalismo. Em vez disso, por que não se ocupar da sua existência? Dedicar-se, por conta própria, aos cuidados pessoais para fortalecer-se, bem como não expor a saúde do outro, sem precisar da imposição de regulamentações. É curioso como tanto quem está contra quanto quem está a favor das disposições sanitárias não questionam algumas estratégias de isolamento e distanciamento relacionadas ao chamado *novo normal* que tornam *natural* certos procedimentos; pelo contrário, são aceitas com entusiasmo. Provavelmente porque tais estratégias se apresentam, para o indivíduo, como garantia de *segurança*, sobretudo as correlacionadas com áreas chamadas de *automação inteligente*.

O afrouxamento das medidas de isolamento ou distanciamento projeta um *novo normal* configurado num *ambiente* moderado, conformado, adaptado, pacificado. Medidas estas elásticas, capazes de estabelecer, a qualquer momento, barreiras restritivas em países, cidades, regiões ou bairros com base numa outra “onda viral”. E após a vacina ser descoberta, testada, patenteada, produzida e comercializada, os sujeitos já estarão habituados a esse *novo normal*. A atual pandemia catalisa sobre os corpos mortos o *futuro melhor* para corpos distanciados. O quanto esse *distanciamento* vai emplacar no dia a dia de cada um ainda é incerto, mas possivelmente seus efeitos irão modificar o governo das condutas pós-pandemia. O distanciamento entre os corpos direciona-se para uma governamentalidade — compreendida enquanto condução da própria conduta e a dos outros (FOUCAULT, 2008) — em que se busca limitar o contato físico dos indivíduos mediante um conjunto de ações com as quais se sedimenta a conduta de manter proximidade, de preferência, com as pessoas que convivem sob o mesmo teto.

Basta ver a propensão de afastar gradativamente crianças e jovens entre si fixando-os no espaço virtual com a “educação a distância” ou no estímulo de interações via redes sociais. Com isso, evitam-se os toques corporais a partir de uma dimensão moral e inibe-se a força da revolta característica da juventude. Sem mencionar estarem permanentemente monitora-



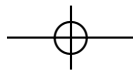


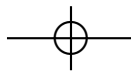
PANDEMIA E ANARQUIA

dos e persuadidos a trocar atitudes rebeldes por práticas obedientes. Essa modalidade educativa abastece um vasto banco de dados, convoca à participação democrática moderada e favorece a politização orientada para o governo de condutas inerentes à racionalidade neoliberal, por conseguinte, sujeitos econômicos empresários de si (Idem). A sua implementação é um negócio rentável para *startups* ligadas ao *lobby* de empresas (Microsoft, Google, Facebook, etc.) que disponibilizam suas plataformas, ferramentas e programas de ensino remoto. Negócio bem-sucedido para as instituições de ensino públicas ou privadas, na diminuição de custos e na ampliação da formação do capital humano. O único inconveniente é, para alguns pais, que não suportam a convivência com os filhos em tempo integral. Para a mulher empoderada é inconcebível cuidar de seus rebentos cotidianamente, para o homem de negócios é ultrajante realizar os serviços domésticos, e ambos se sentem importunados por esses corpos alvoroçados quando precisam responder às suas responsabilidades laborais, primordiais em suas vidas. Quais serão os recursos *inovadores* a serem utilizados pelos progenitores ou indicados por especialistas, se persistirem as aulas a distância?

Separaram-se, também, os trabalhadores em suas casas na execução do “trabalho remoto”, por meio dos equipamentos computacionais, *familiarizando* o trabalho e *domesticando* ainda mais o trabalhador. As vantagens relacionam-se à redução das despesas fixas nas empresas, aumento de produtividade, melhores condições para obter *feedback*, comunicação instantânea graças aos aplicativos e gestão virtual de tarefas. Por sua vez, o indivíduo que consegue desempenhar suas atividades em seu *lar* sente-se satisfeito por manter seu emprego, pela sua eficácia, pela sua capacidade produtiva e pelo bom *investimento* em si mesmo. Deverá alternar-se o distanciamento com aproximações corporais nos espaços físicos? No fim das contas, os encontros podem servir de requisitos para verificar a adequação ou não às mudanças. A conformação do distanciamento ligado ao trabalho divide quem permanece detrás das telas e quem precisa trabalhar de forma presencial. Será esta uma nova divisão do trabalho? O que ela acarreta? Imprime-se, aos poucos, o distanciamento entre os corpos e quiçá perdue mais tempo do que se espera.

As áreas ligadas ao consumo de equipamentos culturais também indicam alterações. A tecnologia de *streaming*, capaz de transmitir instantaneamente dados de áudio e vídeo pelas redes, tem angariado mercado a ponto de as plataformas de conteúdo *personalizado*, como Netflix, Amazon, entre outras, faturarem, em 2019, mais que as indústrias cinematográficas



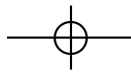


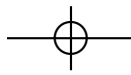
O INIMIGO NÃO É INVISÍVEL

tradicionais. À semelhança das aulas e do trabalho remotos, a área de consumo cultural certamente irá apresentar mudanças no *novo normal*, aliás, nesses três setores, nem tão novo assim. Os entusiastas de tais inovações sentem-se satisfeitos e preveem a adoção das atividades remotas como um caminho sem volta. Sem embargo, conclusões apressadas geralmente são válidas para os que naturalizam as soluções encontradas por outrem como se elas fossem inevitáveis.

E não para por aí. Recomendações para o sexo *saudável* já foram elaboradas. A exemplo de um guia organizado por médicos estadunidenses, no qual *aconselham*: masturbação, desde que com as mãos limpas ou com os *brinquedos* sexuais higienizados; encontros virtuais, sempre e quando haja segurança de não serem vazadas as imagens. Caso as pessoas decidam ter uma relação sexual física, os *peritos* indicam: em primeiríssimo lugar, relacionar-se com quem está em isolamento na mesma casa; reduzir o número de parceiros; usar máscara; evitar beijar; dispensar fazer sexo oral ou anal; não ter contato com sêmen ou urina; limpar antes e depois o lugar da relação, assim como tomar banho previamente e após o ato sexual (TURBAN et al., 2020). Obviamente que, para os especialistas, o menor risco é a abstinência sexual. Nada de cheiros, roces epidérmicos, troca de fluidos. Explicita-se, com isso, como se reafirmam a instituição família e os relacionamentos monogâmicos. É bom reiterar: o inimigo não é invisível, ele é sempre muito visível.

Afora essas configurações, incute-se, com o alastramento da chamada “tecnologia avançada” e da quinta geração de telecomunicação móvel (5G) — mediante a qual os dispositivos irão interconectar-se permanentemente na rede, desde drones até artefatos domésticos —, que as máquinas são indispensáveis porque não instituem um perigo biológico como os humanos. Uma ocasião favorável para acelerar a automação no âmbito cotidiano. Para uma parcela da população considerada privilegiada, quase tudo pode ser realizado a partir dos computadores pessoais ou dos dispositivos móveis, *compartilhando*, por meio das plataformas digitais interligadas, todo o registro de suas vidas. Para aqueles que inevitavelmente precisam deslocar-se — e são os que estão atendendo quem ficou *seguro* em casa —, a tecnologia também colabora para decodificar cada movimento, situar a posição geográfica, ranquear a eficiência. Com isso, facilita-se a centralização de dados sofisticando controle, persuasão e condução de condutas, numa parceria frutífera entre organizações governamentais e empresas de tecnologia.



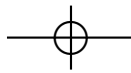


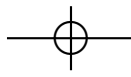
PANDEMIA E ANARQUIA

Sistemas de tecnologia denominada *hightech* são testados para restringir o contato humano, dando cada vez mais lugar à Inteligência Artificial (IA). Antes da COVID-19, a IA, embutida nos aplicativos de celulares, era oferecida em prol da personalização do serviço ou do produto e da simplificação do dia a dia. Hoje está sendo comercializada em defesa de manter a *salvo* as pessoas, protegê-las desta ou de outra potencial pandemia. A expectativa de uma sociedade intermediada mais por vínculos digitais e menos por contato físico vinha gestando-se a largos passos em empreendimentos integrados entre Estados e empresas privadas. Redesenhar o futuro pós-COVID-19 implica investir em IA, não apenas para atender a finalidades econômicas, mas com o propósito de afirmar o chamado *distanciamento físico*.

Gilles Deleuze, ao sublinhar que na sociedade de controle se operava por computadores, mostrou como o “perigo passivo [era] a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução do vírus” (DELEUZE, 2004, p. 223). Nesse sentido, se o vírus biológico propiciou a corrida para estender a IA e intensificar o controle, as resistências no chamado *novo normal* talvez consistam em propagar vírus virtuais direcionados a *infectar* os algoritmos da IA para quebrar códigos de segurança, invadir redes operacionais, destruir banco de dados e todos os sistemas utilizados para controlar ininterruptamente cada um. E por que não pensar também como resistência a redução do uso de aparelhos portáteis ou dos contatos mediados só por telas? Inventar de que modo transgredir essa maneira controlada de viver.

Na *nova normalidade*, o imperativo é o distanciamento físico. A pandemia opera como o laboratório de práticas a serem prolongadas nos setores de telemedicina, comércio e prestação de serviços. As diretrizes de distanciamento irão redefinir ainda as instalações públicas, as acomodações das casas, o traçado urbano e enformar uma outra moral. Decerto, não será a primeira vez na história que medidas sanitárias reorganizam as cidades e consolidam o exercício de poder que estava em curso, como bem assinalou Michel Foucault referindo-se ao fenômeno urbano em Paris no final do século XVIII. Segundo ele, nessa época, surgiu um medo urbano relacionado à aglomeração da população, à concentração das fábricas, às tensões políticas, às grandes edificações e às epidemias. Assim, o planejamento de Paris, na ocasião, foi disposto mediante diretivas médicas com objetivos bem-definidos para avaliar lugares de “amontoação, desordem, perigos” na zona urbana; o controle da circulação de coisas e de elementos naturais como água e ar; a organização de distribuições concernentes a esgoto, água potável,





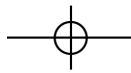
O INIMIGO NÃO É INVISÍVEL

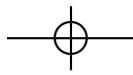
etc. Em suma, “a medicina passou da análise do meio à dos efeitos do meio sobre o organismo e, por fim, à análise do próprio organismo” (FOUCAULT, 2016a, p. 415–418). Apesar de cada período histórico ter a sua especificidade, Foucault suscita certos indícios para compreender o presente.

Hoje ainda se mantém a preocupação do meio sobre o organismo, haja vista a hipótese levantada pela Universidade de Harvard² concernente à correlação entre a poluição do ar e o aumento de mortalidade por COVID-19. Tal pesquisa adere a outras efetuadas na China, na Itália, na Espanha, na França e na Alemanha. Esses estudos já começaram a interferir nos projetos urbanos, e as cidades *inteligentes*, ancoradas na sustentabilidade ambiental, sinalizam a opção desejada para se viver com *qualidade*, em paz e, quem sabe, constituir uma família *feliz*. Trata-se de lugares onde tudo é rastreado e onde a população consegue, por meio de aplicativos, saber o que acontece na cidade em tempo real, contribuindo com o monitoramento. Ou seja, se algo por acaso escapou do controle efetuado pela tecnologia, o *cidadão-de-bem* encarrega-se de denunciar. O que essas cidades precisam ofertar é segurança, ordem e a certeza de que todos vão ser *responsáveis* pelas suas vidas e pelo ambiente. A proposição é que nenhum fluxo escape de um governo ensimesmado em eliminar revoltas.

No entanto, embora as pesquisas se atenham à análise do meio pelos efeitos dele sobre o organismo, atualmente prevalecem os discursos direcionados aos efeitos do organismo de um indivíduo sobre o organismo do outro. A empresa Google lançou um aplicativo de realidade aumentada para identificar, por meio da projeção de um círculo em volta do usuário, a distância com os outros. Sem contar as marcações desenhadas para delimitar a separação entre as pessoas em ruas, parques, praias, escolas... Dentro do espaço *compartilhado*, encontram-se os conhecidos, a família, aqueles ligados por laços estreitos e, claro, *saudáveis*. Aos poucos vai introjetando-se o afastamento com os desconhecidos apontados, em geral, como potenciais perigosos. Aliás, a reorganização de espaços e a produção de objetos anunciam outras configurações de relacionamentos. Em Amsterdã, um restaurante construiu cabines com lugares para três pessoas recomendadas para quem mora junto, e, segundo os planejadores dessas acomodações, pretende-se incentivar a experiência de reinterpretar o conceito de *união* (HARROUK,

2. Cf. <https://www.hsph.harvard.edu/c-change/subtopics/coronavirus-and-pollution/>. Acesso em: 20/09/2020.





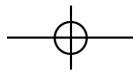
PANDEMIA E ANARQUIA

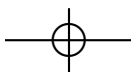
19/05/2020). As adaptações espaciais ocorrem em todos os lugares, e, com elas, evidencia-se como se formam as subjetividades nessa governamentalidade em curso. Contudo, parafraseando Nietzsche (1999), uma perspectiva imensa sempre se abre ante nós que faz cambalear verdades e crenças.

Há tanto para pensar! Há tanto para lutar! Como nos tornarmos outros nesse contexto outro que já se desenha à nossa frente? O distanciamento físico prenunciado parece sedimentar-se como algo ordinário, frequente, rotineiro. Demarcações instauram-se entre os corpos em defesa da vida, enquanto se rearranjam técnicas de controle e se naturaliza desde agora o *novo normal*. Projeção de um estado permanente de estar dentro. Dentro de governamentalidades, do que é recomendado, do decretado, das adaptações, do discurso do modelo universal de humano. Muitos desejam sair de suas casas com *segurança* para continuarem dentro de todo esse circuito. Não se ignoram aqui as pessoas que precisam amontoar-se nas ruas ou nos transportes coletivos para conseguir o ganha-pão diário. Tampouco se omitem os procedimentos apropriados para diminuir o contágio. Muito menos se apaga o querer aproximar-se dos corpos necessários em nossas vidas para um longo abraço e/ou o sexo livre.

Todavia, é vital encarar a morte ocupando-se da própria vida. Não se trata de renunciá-la em nome de uma salvação futura nem a deixar em mãos de outrem para tomarem conta. Ocupar-se da própria vida exige uma prática constante capaz de limitar o governo de condutas e impedir que alguns tentem conduzir como devemos fazer, pensar, dizer. Cada um precisa agir para que, no final das contas, saibamos o que é a grande saúde: um sim, como atitude afirmativa perante a vida. Uma atitude que nos permita experimentar saltar fora desta ou de qualquer outra situação por nós mesmos. Enfrentar o mais pesado dos pesos: o eterno retorno. E se é necessária a distância, que seja para afirmar a diferença. E se é necessário estar sozinho, que seja a *solitude* para experimentar estar consigo e se deliciar com o silêncio. Sim, vamos pôr o nariz para fora e no meio “da própria engrenagem”, inventar a “contra mola que resiste”³.

3. “Primavera nos dentes”, de João Apolinário e João Ricardo, 1973, com o grupo Secos & Molhados.

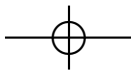
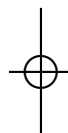
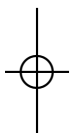


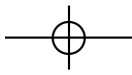
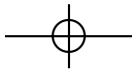


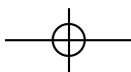
O INIMIGO NÃO É INVISÍVEL

BIBLIOGRAFIA

- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Crise da medicina ou crise da antimedicina? In: MOTTA, Manoel Barros (org.). *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 334–393. (Ditos e Escritos; VII)
- . “O nascimento da medicina social”. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a, p. 402–424. (Ditos e Escritos; VII)
- . *Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978–1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção tópicos).
- HARROUK, Christele. Serres Séparées Proposes a Socially-Distant Dining Experience in Amsterdam. In: *ArchDaily*, 19/05/2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com/939806/serres-separees-proposes-a-socially-distant-dining-experience-in-amsterdam>. Acesso em: 20/09/2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PASSETTI, E. et al. *Ecopolítica*. São Paulo: Editora Hedra, 2019.
- TURBAN, J. L.; KEUROGHLIAN, A. S.; MAYER, K. H. Sexual Health in the SARS-CoV-2 Era. In: *Annals of internal medicine*, 2020, 173(5), p. 387–389. Disponível em: <https://doi.org/10.7326/M20-2004>. Acesso em: 16/09/2020.







Rompendo com a lógica capitalista de uma pandemia¹

ALLAN ANTLIFF

Assim como o vírus da COVID-19 varreu o globo durante os primeiros meses de 2020, ele também o impactou de diferentes maneiras. Minhas reflexões focam no anarquismo em Vitória, Canadá, que envolveu protestos e ações diretas, a manutenção de um centro/livraria social, o funcionamento de um círculo de leitura e a condução de uma feira anual do livro.

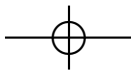
Até 2020, apoiar a luta do povo indígena Wet'suwet'en para afirmar sua soberania tinha sido, por algum tempo, o foco de anarquistas de Vitória. O território Wet'suwet'en encontra-se dentro da província canadense da Colúmbia Britânica (C. B.), e os Wet'suwet'en nunca assinaram acordos com nenhuma entidade colonial: nem com os britânicos durante os anos do primeiro contato (anos 1800), nem com o governo federal do Canadá (fundado em 1867), ou com a província da C. B. (fundada como colônia da Colúmbia Britânica em 1868 e que se uniu ao Canadá em 1871).² Em 2009, o clã Unist'ot'en (C'ihlts'ehkhyu) — um dos cinco clãs dentro do sistema de autogoverno dos Wet'suwet'en³ — resolveu construir um posto de controle no caminho dos dutos projetados que deveriam transportar o chamado gás “natural” (fraturado) do norte da Colúmbia Britânica até a costa do pacífico, onde seria liquefeito para exportação em um navio-tanque. Em 2010, o posto de controle tornou-se um acampamento com construções para habitação e atividades culturais.⁴ Eu e outros anarquistas de Vitória apoiamos a reivindicação dos Unist'ot'en pela soberania territorial por meio de arrecadação de fundos, organização de palestras realizadas por Unist'ot'en

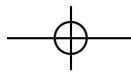
1. Tradução do inglês por Eliane Carvalho.

2. Mapa de território do *Office of the Wet'suwet'en*. Disponível em: <http://www.wetsuweten.com/territory/>

3. Desenho do sistema de clãs, do *Office of the Wet'suwet'en*. Disponível em: <http://www.wetsuweten.com/culture/clan-system/>

4. Cf. <https://unistoten.camp/>.





PANDEMIA E ANARQUIA

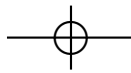
e levando pessoas ao acampamento para ajudar com as construções. Os anarquistas estiveram envolvidos no apoio aos Wet'suwet'en daí em diante (recebendo palestrantes, visitando o acampamento, auxiliando com a promoção de mídia e arrecadação de fundos, comprometendo-se com as ações de resistência, etc.), ao mesmo tempo que os Wet'suwet'en construíam fortes redes de solidariedade com indígenas e não indígenas em todo o país.

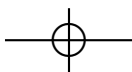
Em outubro de 2018, os governos da Colúmbia Britânica e do Canadá coanunciaram que um duto pertencente a um consórcio de investidores, o CoastalGaslink, seria construído através do território Wet'suwet'en no caminho onde fora construído o acampamento Unist'ot'en. Membros do clã Wet'suwet'en Gidimt'en responderam construindo o segundo posto de controle para dificultar o acesso ao trajeto projetado para os dutos.⁵ A vigilância sobre os Wet'suwet'en e seus apoiadores pela RCMP (Royal Canadian Mounted Police, a força policial do governo federal) se intensificou, e a polícia começou a reunir forças no final de 2018. Em janeiro de 2019, a RCMP, altamente armada, invadiu o posto de controle do clã Gidimt'en e prendeu 14 pessoas. Protestos irromperam em Vitória, pelo Canadá, e internacionalmente (mais de 70 cidades). Dez dias depois da invasão, anarquistas de Vitória organizaram uma conferência com o anarco-indígena soberanista Mel Bazil (Gitxsan e Wet'suwet'en), um dos cofundadores do acampamento Unist'ot'en, em Vitória. Em fevereiro, participamos da organização de uma segunda conferência com Molly Wickham, uma porta-voz que fora detida no posto de controle do clã Gidimt'en. No dia 29 de fevereiro, o posto foi reocupado pelos Gidimt'en. A RCMP, então, criou um destacamento no território Wet'suwet'en para manter a repressão contínua dos defensores indígenas enquanto a construção da CoastalGasLink estava em curso. Em abril, as acusações contra aqueles detidos no posto de controle do clã Gidimt'en foram retiradas, mas a RCMP continuou a reprimir e espionar os defensores das terras Wet'suwet'en durante o verão e o outono de 2019, enquanto os dutos eram introduzidos no território Unist'ot'en.

Antecipando os confrontos iminentes, em novembro, eu e outras pessoas organizamos um novo grupo, Wet'suwet'en Solidarity Victoria (Solidariedade aos Wet'suwet'en de Vitória), para realizar manifestações e ações diretas em Vitória.⁶ Quando a RCMP lançou um cerco prolongado e

5. Cf. <https://www.yintahaccess.com/>

6. Ver nossa página no facebook, Wet'suwet'en Solidarity Victoria.



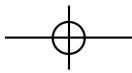


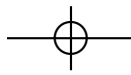
ROMPENDO COM A LÓGICA...

uma ofensiva contra os acampamentos Wet'suwet'en's, em meados de janeiro de 2020, protestos e ações diretas disruptivas irromperam por todo o Canadá. No dia 11 de fevereiro, a RCMP invadiu o último posto de controle e forçosamente prendeu defensores da terra no acampamento Unist'ot'em, e a resistência pelo Canadá intensificou-se exponencialmente. Em Vitória, envolvi-me em uma série de ações entre janeiro-fevereiro-março, trabalhando com uma extensa aliança de não indígenas e um grupo de militantes indígenas que, periodicamente, ocupavam os degraus da frente cerimonial do legislativo provincial. Assumindo a liderança de Wet'suwet'en e de outros indígenas que tinham conexões diretas com os Wet'suwet'en, milhares de pessoas participaram de uma série de manifestações, bloqueios em ruas e pontes, ocupação de gabinetes, suspensão de faixas e outros distúrbios que levaram o governo da Colúmbia Britânica a um desconcerto total (em certo ponto, fechamos todo o governo provincial por um dia). Em 27 de fevereiro, os governos da C. B. e do Canadá concordaram em iniciar um diálogo com os chefes hereditários dos Wet'suwet'en e, três dias depois, em primeiro de março, anunciou-se um acordo em que se reconheceu a soberania territorial e o sistema tradicional de autogoverno dos Wet'suwet'en's. O projeto dos dutos, no entanto, foi excluído desse acordo. Com a submissão do acordo para discussão e aprovação do povo Wet'suwet'en, o ímpeto diminuiu. Em Vitória, indígenas que ocupavam os degraus do legislativo (amparados por um acampamento com cozinha e mais de uma centena de apoiadores todos os dias)⁷ decidiram realizar uma última ação em que se encontraram com um ministro do governo e se recusaram a deixar o prédio do legislativo, levando à sua prisão no dia 4 de março (foram soltos rapidamente). Levantamos acampamento em frente ao legislativo... e então veio a COVID-19.

De longe, estávamos cientes da quarentena da COVID-19, primeiro em Wuhan e, no final de janeiro, por toda a província de Hubei. A mídia acompanhou a chegada do vírus no Irã em meados de fevereiro, sua disseminação pela Coreia do Sul e o dramático *lockdown* no norte da Itália no início de março. Com a declaração de uma pandemia global, no dia 11 de março, e a disseminação exponencial do vírus nos Estados Unidos, casos também surgiam no Canadá. Em resposta, governos provinciais declararam estados de emergência, a fronteira com os Estados Unidos foi fechada pelo

7. O coletivo Victoria Anarchist Bookfair possui uma grande tenda que montamos nos degraus do legislativo, junto com outros abrigos improvisados.

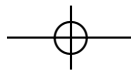


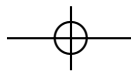


PANDEMIA E ANARQUIA

governo do Canadá, para tudo que não fosse de deslocamento essencial (bens e serviços), e voos para o Canadá foram rigorosamente restringidos e depois suspensos. Em 17 de março, o governo provincial da Colúmbia Britânica fechou universidades, escolas, gabinetes do governo e a maior parte das operações comerciais (com exceção daquelas consideradas essenciais). Todas as aglomerações públicas foram banidas para evitar o contato físico. A mobilização de pessoas para mais ações nas ruas em apoio aos Wet'suwet'en tornou-se praticamente impossível.

Vitória não é somente um núcleo de militância. Nós mantemos um espaço social de voluntários e sem fins lucrativos a partir da venda de livros novos e usados (Camas Books, fundado em 2007), um círculo de leitura que se encontra duas vezes por semana (Victoria Anarchist Reading Circle, fundado em 2005), e organizamos uma Feira de Livro Anarquista de Vitória anualmente, sempre no mês de setembro (fundada em 2006). Quando foi declarada a emergência sanitária, nosso sentido de solidariedade/responsabilidade entrou em ação e fechamos o Camas Books no dia 19 de março. O coletivo Camas foi então confrontado em como sustentar o projeto pelo tempo necessário, até que as restrições sanitárias fossem atenuadas e que pudéssemos abrir a loja novamente. O fato de estar fechado não significou que o Camas tivesse uma pausa no pagamento de aluguel ou outros gastos. Ao mesmo tempo, o número de voluntários caiu drasticamente, uma vez que muitos tinham empregos precários e/ou eram estudantes que se viram forçados a lidar com suas questões pessoais. Ao fim, sobramos eu, minha companheira, Kim Crosswell, e mais seis outros para manter o Camas funcionando. Nesse contexto, a criatividade engenhosa intensificou-se. Primeiro, Kim trabalhou com outro voluntário para renovar nosso website (camas.ca) e facilitar as vendas *on-line*. Dois outros voluntários providenciaram entregas por bicicleta para os compradores, o que se encaixou muito bem em nossos princípios ecológicos radicais. Kim também se atirou na fabricação de máscaras para vendas *on-line* ou para distribuição gratuita para os povos indígenas que necessitassem (remessas foram enviadas por correio para várias comunidades). A venda de máscaras mostrou-se popular e começamos a vender livros em um ritmo constante. Simultaneamente, recebemos doações de livros usados e dinheiro, sem que estas fossem solicitadas. Em resumo, descobrimos que a reputação do Camas enquanto uma presença duradoura era valorizada e, em tempos de adversidade, foi extremamente prazeroso perceber o quão profundamente nossas raízes anarquistas foram cravadas em Vitória. Reabrimos o Camas por meio período em 16 de maio



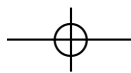


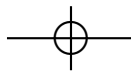
ROMPENDO COM A LÓGICA...

e, quando a notícia se espalhou, inúmeras pessoas pararam para comprar livros, zines, máscaras e camisetas, mostrar apoio ou trazer doações. Gradualmente expandimos o horário de funcionamento à medida que antigos voluntários voltaram e novos se inscreveram para se juntar a nós (temos um rigoroso processo de inscrição e verificação para eliminar os voluntários em potencial, que não estejam em acordo com nossa declaração de missão ou não sejam, de alguma forma, receptivos ao envolvimento em um projeto social anarquista tocado coletivamente). No momento deste texto, já estávamos praticamente de volta ao horário normal, com a aplicação de alguns protocolos em relação a quantas pessoas poderiam estar no Camas de uma vez, higienizador para as mãos na porta da frente para a limpeza antes de entrar, uma barreira de acrílico na mesa do caixa, separando os voluntários dos clientes, e uma política segundo a qual o voluntário poderia usar uma máscara se quisesse (e a maioria usa). O coletivo agora olha para o futuro, quando poderemos mais uma vez realizar exibição de filmes, grupos de discussão, lançamento de livros e encontros de ativistas e anarquistas.

Com o Camas fechado e os protocolos de saúde em relação ao distanciamento social, as discussões quinzenais cara a cara do Victoria Anarchist Reading Circle (VARC — Círculo de Leitura Anarquista de Vitória) não foram mais viáveis. O VARC mantém seu próprio website (victoriaanarchistreadingcircle.ca), no qual são postadas as próximas leituras para discussão. Ao longo dos anos, acumulamos uma extensa lista de contatos de e-mails e, quando novas leituras são disponibilizadas *on-line*, as pessoas recebem um alerta; dessa maneira, se quiserem, podem participar do próximo encontro. Temos, também, uma política aberta em relação aos que chegam sem aviso: qualquer um e todos podem participar, desde que tenham lido o texto daquela semana e estejam prontos a tomar parte em uma discussão respeitosa (do contrário, é solicitado à pessoa que saia). Em todos os encontros, a pessoa que sugere a leitura daquela semana coordena a discussão e, ao fim do encontro, as pessoas propõem qual será a próxima leitura. Dessa forma a responsabilidade de “organizar” é alternada, e a variedade de temas é garantida. Ao menos, é assim que as coisas funcionam em princípio. Na prática, a participação pode aumentar e diminuir drasticamente. Consequentemente, um “núcleo” de participantes tende a sugerir as leituras, escaneá-las, postá-las no website e coordenar as discussões.

Em qualquer evento, dado seu hibridismo operacional, o VARC parecia estar bem-preparado para levar as discussões *on-line*. Anunciamos a implementação virtual dos encontros do VARC, utilizando uma plataforma de con-

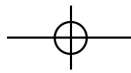


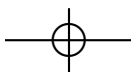


PANDEMIA E ANARQUIA

ferência de vídeo totalmente criptografada (que não coletasse o número de endereço do IP). As leituras foram postadas normalmente e um *link* disponibilizado para que as pessoas pudessem participar da discussão agendada previamente. O processo parecia familiar, mas não era. Alguns tinham uma capacidade limitada no computador e só conseguiam participar por mensagens de texto. Alguns novos participantes decidiram não ficar visíveis, o que era desconcertante para os visíveis. Tínhamos inscrições de pessoas de outras localidades, e isso não era um problema, mas não estávamos mais partilhando nossas perspectivas pessoalmente. Com o tempo, ficou claro que encontros cara a cara são inestimáveis para construir uma comunidade, especialmente quando a sua comunidade está em fluxo constante: a conferência de vídeo *on-line* não substituiu isso. O núcleo do grupo (por volta de 12 pessoas) que estava se encontrando antes da pandemia forçar o *VARC on-line* sustentou isso por um tempo, mas a participação foi diminuindo gradualmente. O *VARC* manteve-se até o início de setembro, quando decidimos suspender o círculo até podermos nos encontrar pessoalmente de novo.

A Feira de Livro Anarquista de Vitória (VABF) acontece em meados de setembro e atrai aproximadamente mil participantes durante os dois dias (sábado/domingo). Durante a semana que culmina na feira do livro, o coletivo da VABF geralmente organiza conversas, exibição de filmes, *performances*, exposições de arte, etc., na Camas Book e em outras localizações pelo centro de Vitória. A acomodação de editoras anarquistas, distribuidoras, e a vendas de camisetas, zines, *bottons*, bijuterias e outros itens de artesãos de orientação militante são complementadas com uma série de oficinas apresentadas por indígenas e não indígenas durante o sábado e o domingo (sempre que possível, as viagens de apresentadores indígenas de fora da cidade são subsidiadas). Apresentadores de oficinas que vêm de fora (e vendedores de livros anarquistas) se hospedam com os membros do coletivo VABF e outras pessoas em nossa comunidade. Dessa forma, a feira de livro possibilita redes de relações que nos ligam a comunidades anarquistas em Vitória e além. Ademais, a VABF é um espaço para mobilizar o envolvimento das pessoas com as lutas ecológicas, sociais e indígenas locais, assim como causas internacionais (o movimento anarquista em Rojava, por exemplo). Esse sucesso pode ser avaliado, em parte, pelas atividades da força policial da província e federal com a aproximação das Olimpíadas de Inverno de fevereiro de 2010. Organizada na região de Vancouver, C. B., com o início do revezamento da tocha olímpica, realizado em 30 de outubro de 2009, em Vitória, a nossa feira do livro de 2008/2009 mobilizou as pessoas para





ROMPENDO COM A LÓGICA...

agitações e protestos em massa, sob o *slogan* “Nenhuma Olimpíada em Terra Nativa Roubada” (esse *slogan* foi cunhado pelo indígena anarquista Kwakwaka’wakw, Gord Hill, que teve um papel essencial no movimento *No2010 Olympics*).⁸ A polícia conduziu uma vigilância sobre nossa feira do livro (assim como da Camas Book e dos ativistas locais *No2010 Olympics*, incluindo eu e Kim)⁹ e tentou fechar a feira, informando, aos diretores do espaço em que organizamos o evento desde 2006, que estávamos sendo observados (soubemos da interação da polícia com os diretores — que adotaram uma postura de cooperação — por meio de um informante).¹⁰

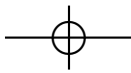
O envolvimento no coletivo da feira do livro se dá por convite e, antes que um convite seja estendido, os membros vigentes avaliam a proposta de novo membro, que papéis ele poderia exercer e como ele poderia se encaixar com os princípios anarquistas da feira do livro (ou não: nós rejeitamos algumas propostas de indicação). Em março de 2020, havia cinco de nós. Naquele verão, uma sexta pessoa do Wet’suwet’en Solidarity Victoria foi convidada a participar. Conforme ponderávamos a situação em março, tornou-se bastante claro que não iríamos realizar uma feira do livro cara a cara em setembro de 2020, então decidimos fazer a feira *on-line*. É aí que o apoio mútuo e a construção de relações durante as 14 feiras do livro entraram em evidência. Eu contatei o From Embers¹¹, um coletivo de rádio anarquista sediado em Kingston, Ontário, Canadá, que concordou em nos ajudar com a produção e veiculação de uma série de *podcasts* de entrevistas realizadas pelos membros da VABF. Nós então nos comunicamos com os contatos indígenas e não indígenas por todo o Canadá e internacionalmente. As gravações foram realizadas e editadas para veiculação. A entrevista inicial com um membro do From Embers sobre a história da Feira — *A Feira de Livro Anarquista de Vitória está aqui e todos podemos ir (virtualmente)!* — foi veiculada em 23 de setembro de 2020. As outras foram “liberadas” durante os sete dias (14 a 20 de setembro) na

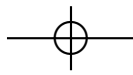
8. Fomos bem-sucedidos em prejudicar o lançamento do revezamento da tocha, obtendo atenção nacional e internacional. Ver: NO2010, 1º/11/2009.

9. Cf. OLYMPIC, 24/08/2009.

10. O gerente do espaço tentou dificultar a preparação da feira do livro de 2009 e anunciou, posteriormente, que não poderíamos mais realizar o evento lá. Mudamos para outro local.

11. Cf. <https://fromembers.libsyn.com/>





PANDEMIA E ANARQUIA

nossa página¹² e no *website* do From Embers.¹³ As entrevistas refletem a amplitude de nossos contatos e as preocupações em nível local, regional e internacional.

O porta-voz do posto de controle Gidimt'en, Molly Wickham, sobre Resistência antes, durante e depois da pandemia (4 de set.); Kathy Ferguson sobre as mulheres de Emma Goldman e anarquismo como "um movimento do livro" (1º de set.); John Zerzan sobre sua vida como anarquista e o estado das coisas nos EUA (16 de set.); o ativista Nuu-chah-nulth & Costa Salish, Queen Sacheen (Ancestral Pride), reflete sobre sua vida e a soberania indígena (17 de set.); a anarquista Ann Hansen e a trans ativista Naphtali discutem a (in)justiça da prisão (18 de set.); a teórica do Reino Unido Ruth Kinna (editora de Anarchist Studies) sobre capitalismo, anarquismo, e os comuns (19 de set.); Sem tetos na pandemia (20 de set.); a matriarca Ma'amtigila (Kwakwaka'wakw), Tsastilqualus, da House of Umbas, sobre soberania indígena e remigração (20 de set.) e a bloqueadora Suzanne (Metis) sobre a série de ações de Fairy Creek /Yews convida; um colono anarquista anônimo da costa oeste reflete sobre a defesa autônoma da floresta de Kaxi:ks (Walbran) a Be:tadt (Fairy Creek) (20 de set.).

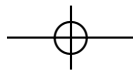
Além disso, um coletivo hip hop anarquista, RYMTHINK, doou uma coleção de canções para *download* no site da VABF. Também promovemos e disponibilizamos um *link* para um painel e discussão ao vivo organizado pelo Institute for Social Ecology no dia 20 de setembro: "Rojava hoje: onde está o movimento agora?". Finalmente, qualquer interessado em comprar livros, zines ou camisetas era direcionado à Camas Books (e, com certeza, houve um aumento nas vendas). Os *podcasts* foram muito fáceis de fazer, e estamos pensando em integrá-los em futuras feiras, assim podemos dar voz a quem não pode participar de nosso evento, devido aos custos da viagem ou a problemas na fronteira (todos conhecemos anarquistas impedidos de entrar neste ou naquele país).

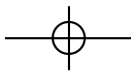
Durante o verão, eu terminei um capítulo de livro sobre três artistas (ativos em tempos diversos, dos anos 1940 até os anos 2000) que promoveram modelos inspiradores de economia anarquista por meio das artes.¹⁴ Enquanto escrevo, me impressiona que, em um tempo em que a economia

12. Cf. <http://victoriaanarchistbookfair.ca/index.php/category/bookfair-2020/>

13. Respondendo às últimas oportunidades, algumas entrevistas estão disponíveis apenas no *website* da VABF.

14. Escrevi a biografia de um desses artistas. Ver Allan Antliff, *Joseph Beuys* (London: Phaidon, 2014).





ROMPENDO COM A LÓGICA...

capitalista estava em queda livre (necessitando da intervenção do Estado com resultados variados), nosso sucesso comparativo com a livraria, o círculo de leitura e a feira do livro também diz muito, economicamente falando. Essas “instituições” (e aqueles que vieram em nosso auxílio) estabeleceram relativa autonomia do trabalho-assalariado/venda-para-o-lucro da economia capitalista muito antes da COVID-19 chegar, e isso foi chave para sua resistência. As estruturas anarquistas de autogoverno encorajaram o apoio mútuo, a iniciativa inventiva, a solidariedade e a responsabilidade coletiva: “modos de ser” que se provaram inestimáveis para a sustentabilidade durante tempos confusos. Isso criou um imenso contraste com a economia predatória em profundo declínio, sublinhando que nossos projetos constituem uma “ruptura no capitalismo... espaços na vida cotidiana em que o capitalismo *não* está presente” (SHANNON et al., 2012, p. 5).

BIBLIOGRAFIA

- NO2010Victoria Statement on Torch Relay Disruption. In: *Anti-Olympics Archive*, 01/11/2009. Disponível em: <http://vancouver.mediacoop.ca/olympics/no-2010-victoria-statement-torch-relay-disruption/5759>. Acesso em: 27/08/2020.
- OLYMPICCops Harass Victoria Activists. In: *Anti-Olympics Archive*, 24/08/2009. Disponível em: <http://vancouver.mediacoop.ca/olympics/olympic-cops-harass-victoria-activists/5801>. Acesso em: 27/08/2020.
- SHANNON, D.; NOCELLA II; A. J.; ASIMAKOPOULOS, J. Anarchist Economics: A Holistic View. In: *The Accumulation of Freedom: Writings on Anarchist Economics*. Oakland, CA: AK Press, 2012.

